

# FÓRUM RACISMO – Por que existem apenas raças de discurso: desafios para a democracia – As armas do analista frente ao discurso racista[1]



Tatiana Blass

Rede Movida Zadig Doces & Bárbaros – Belo Horizonte, 9/3/2018

Ana Lydía Santiago

A segunda metade do século XX foi palco de grandes mudanças no espírito do capitalismo, que teve como consequência o avanço e a globalização dos mercados. Desde então, a crescente unificação de preferências dos consumidores e de seus padrões de consumo passa a alimentar a intolerância em relação ao diferente e faz aparecer o *impossível de suportar*, quando as diferenças se precipitam em um espaço único. Em razão dessa conjuntura, ocorrem fenômenos que concretizam o que Jacques Lacan, em 1973, em entrevista a Jacques-Alain Miller, tratada

em *Televisão*, tinha profetizado como a proliferação futura do racismo.

Não é preciso muito esforço para observar a atual escalada do racismo. É o que pude constatar no espaço escolar, em que o insuportável da diferença se revela no corpo, em imagens geradas não apenas pela cor da pele mas também por objetos de indumentária e de consumo, que sinalizam para o Outro modos de gozo e estilos de vida não conformes aos padrões impostos.

Um dos segredos da prática analítica consiste em tomar o sujeito como vazio de sentido, *falta a ser*, sem identificações prévias e, portanto, sem qualquer destaque de suas condições social, cultural ou étnica. Interessa, antes de tudo, revelar a incidência, nele, de determinações da palavra, da linguagem. É por isso que o campo aberto por Freud tem como ponto de partida a chamada *regra fundamental*, que se funda no convite ao sujeito a tomar a palavra o mais livremente possível – posição inédita, subversiva, no âmbito da ordem médica – , o que atraiu a atenção de muitos, inclusive de artistas. Esse campo é explorado de diversas maneiras, sobretudo a partir de uma proposta de Jacques-Alain Miller, para o psicanalista manter conexão com os sintomas que afligem a civilização. Refiro-me à oferta da prática da *Conversação*, em que se adota o método da “*associação livre coletivizada*”, voltada ao mal-estar que ocorre em espaços institucionais.

Nessa perspectiva – e no âmbito de uma pesquisa/intervenção desenvolvida pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (Nipse)<sup>[2]</sup> em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte/MG, que apresentava, na ocasião, o menor Índice de Desenvolvimento Escolar Básico (IDEB) e o mais baixo resultado na Prova Brasil, avaliações censitárias promovidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) –, foi Júlia, uma menina de 9 anos de idade, que explicitou o nó do racismo e sua interferência no acesso à alfabetização. Para a escola, Júlia representava o

sintoma da instituição: fracasso escolar nos primeiros anos de escolaridade. Ao tomar a palavra, ela afirma: “*Só os brancos aprendem*” e “*Ler e escrever não é para negros*”. Conta que, na sua sala de aula, apenas Isabela, uma de suas colegas, e a professora sabiam ler. Reproduzo, por oportuno, parte da conversa desenvolvida ao longo dessa entrevista no âmbito da referida pesquisa:

Pergunto-lhe:

– *Não tem mais nenhum coleguinha que sabe ler?*

Ela pensa e responde surpresa:

– *Uai! Tem! O Marcos, o Cauã e o Márcio.*

– *Você pode me falar um pouco mais sobre a Isabela?*

– *Ela tem uma mochila de rodinhas rosa... Eu também tenho mochila, mas a minha é mais bonita que a dela. A Isabela tem um tênis rosa... Mas eu acho o meu mais bonito que o dela.*

Continuando, ela enumera outros objetos que ambas possuem, sempre valorizando os seus em detrimento dos da colega.

Digo-lhe então:

– *Não estou entendendo. Você acha que a Isabela sabe mais. Mas, ao se comparar com ela, é você quem sabe das coisas e tudo que escolhe é melhor para você.*

*Então, qual é o problema?*

Depois de um minuto de reflexão, Júlia responde:

– *É que minha mãe não sabe ler.*

Dou prosseguimento à conversa, visando cingir, de maneira precisa, algumas crenças a que o sujeito se agarra, porque estão ao seu alcance, para tentar inscrever o que lhe escapa. Júlia transforma-se visivelmente durante a entrevista: no

início, ela fala baixinho, de cabeça baixa; depois, vai mostrando gosto pela palavra; e, no final, pede para voltar e conversar mais.

No que concerne à alfabetização, Júlia teve seu destino mudado a partir do encontro com um analista. Para Oprah Winfrey, ganhadora do Globo de Ouro 2018, o encontro que mudou sua vida também aconteceu, quando ela era uma menina da mesma idade de Júlia. Sentada no chão da casa de sua mãe – que, inclusive, tinha a mesma condição da mãe de Júlia –, ela estava assistindo à televisão, quando Anne Bancroft anunciou o ganhador do Oscar de Melhor Ator, na 36ª edição dessa premiação pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos, em 1964: *“O vencedor é Sidney Poitier!”* Essas palavras da apresentadora associaram-se, de imediato, à imagem do homem mais elegante que Oprah já tinha visto. Segundo ela testemunha, *“sua gravata era branca e sua pele, negra”*<sup>[3]</sup>. A propósito, afirma que, naquele instante, viu *“pela primeira vez, um homem negro ser apresentado como celebridade”* e isso traduziu em imagens sonoras o que ela própria queria para seu destino. Durante seu discurso, quando entregou o Globo de Ouro a Sidney, em 1982, ela declara que, naquele momento, só pensava que outras meninas poderiam estar assistindo à primeira mulher negra entregar esse prêmio e, assim, se inspirarem.

Volto a Júlia, para esclarecer que, ao tomar a palavra, a menina permitiu o deciframento de uma série de fenômenos que estavam acontecendo durante o trabalho pedagógico voltado à alfabetização, que, na época, na escola em questão, foi assumido por uma dupla de pesquisadoras do Nipse, uma negra e outra branca. Essa composição deu oportunidade para as crianças expressarem a marca nociva do racismo na escolarização.

Fazer da cor da pele uma aquarela, misturar branco e preto ou diluir a tinta do discurso racista por meio da palavra

constituíram o processo de transformação operado por Júlia e outras crianças da mesma instituição, para tornar possível o uso do código alfabeto do Outro em uma pintura própria.

Os gestores da mesma escola “moviam montanhas” para mudar a situação de fracasso comprovada, sem conseguir resultados minimamente satisfatórios. Para eles, a “*associação livre coletivizada*” permitiu a explicitação de que, na verdade, responsabilizavam a pobreza familiar pelo fracasso escolar dos alunos. E criticavam os pais, pois viam, na relação destes com a escola, apenas um interesse meramente assistencial. Consequentemente, implementavam mudanças no espaço escolar apenas com base no que julgavam apropriado à realidade social das respectivas famílias.

Quando a prática educacional situa o aluno e sua família em posição inferior em relação ao saber e à educação, produz-se um discurso que segrega. No fundo, o que está em jogo é a dificuldade para acolher a diferença e o diverso expressos em um modo de gozo outro. “*Deixar esse Outro entregue a seu modo de gozo, eis o que só seria possível não lhe impondo o nosso, não o tomando por subdesenvolvido*”, afirma Lacan, em *Televisão*, indicando que a lógica contemporânea do racismo consiste em rechaçar no Outro um modo diferente de gozo. O declínio da civilização patriarcal deixa o sujeito desbussolado, sem saber qual Outro possibilita a orientação do gozo. Como se sabe, o racismo é o hábito, cada vez mais crescente, de recusa do gozo do Outro.

Na escola de Júlia, o método da *Conversação* mostrou-se uma arma potente, com vistas a se desembaraçar dos fatos de gozo de que o corpo se constitui lugar privilegiado da contraposição ao discurso racista presente em muitas práticas de instituições escolares. Além disso, possibilitou a grande parte dos educadores envolvidos estabelecer novo laço com os pais de alunos, laço pautado na aposta em que a educação pode ser um instrumento valioso para a vida civilizada, em detrimento dos apelos obscurantistas da época atual.

O analista tem, portanto, suas armas e não abdica delas frente às tendências segregacionistas das sociedades contemporâneas. Diante da prática racista, a “*associação livre coletivizada*” afirma-se, pois, como um discurso que, ao acolher a trajetória singular de uma vida, resiste às ideologias, utopias, ideais e práticas que gravitam em torno da uniformização dos modos de gozo.

---

[1] Texto publicado parcialmente em *Correio Express*. Revista online da Escola Brasileira de Psicanálise. nº 2, março de 2018. Edição extra. Disponível em [https://www.ebp.org.br/correio\\_express/extra001/texto\\_Analydia.html](https://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_Analydia.html) e Publicado em *Curinga*, EBP-MG, n 46, jul/dez de 2018.

[2] O Nipse integra a área da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG).

[3] Discurso de Oprah Winfrey, disponível em [youtube.com](https://www.youtube.com)